

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA



## O Caso Padre Aristides. Controvérsias e Evidências nos Discursos

Monografia apresentada ao Departamento  
de História e Geografia, sob orientação do  
professor Josemir Camilo de Melo, para  
obtenção do grau em Bacharel em História à  
Rúbia Micheline Moreira.

Campina Grande  
1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA

Monografia apresentada ao Departamento de História e Geografia, sob orientação do professor Josemir Camilo de Melo, para obtenção do grau em Bacharel em História à Rúbia Micheline Moreira.

Campina Grande

1997



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

A COLUNA PRESTES: Caso Padre Aristides.  
Controvérsias e Evidências nos Discursos

Rúbia Micheline Moreira

Campina Grande – PB

1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA

Banca Examinadora:

---

---

---

“... o povo piancoense, para não dizer o homem do sertão paraybano, tem diffuso pelo seu todo, energias e resistências dynâmicas que são a demonstração positiva d’essa relação atávica entre elle por escellência da nossa ethnographia”.

(Jornal A União, 1926)



como costumei chamar Camilo), pela paciência, pelo carinho... por tudo. Desculpas pela perseguição acirrada, fosse em casa, fosse no trabalho!

A você Camilo, todo o meu carinho. Coincidência ou não, minha primeira aula ao ingressar no curso foi ministrada por você. E isso me marcou. A concretização desta Monografia não poderia ser com a orientação de outra pessoa senão você, pois a acolho como sendo a "última" aula sua que assisto. E, isso me marcará. Sinceramente, obrigada.



# ÍNDICE

Apresentação

Introdução ----- 01

Capítulo I – Inimigos até que a Morte os Separem:

Os Embates Políticos que Antecederam a  
Passagem da Coluna por Piancó----- 10

Capítulo II - O Padre e os Podres: as Versões que não Contaram ----- 21

Capítulo III – O Discurso da Ordem sob a

Perspectiva dos que “Responsabilizaram”  
a Coluna pela Chacina ----- 31

Conclusão ----- 47

Referência Bibliográfica----- 50

Anexos----- 54

## APRESENTAÇÃO

Esta monografia em sua estrutura, caracteriza-se por analisar as várias versões construídas sobre a passagem da Coluna Prestes em Piancó.

## INTRODUÇÃO

A escolha pela temática que procura-se desenvolver neste exercício monográfico, se deve em parte a minha história de vida, de forma mais específica o o tempo de criança que se passou na cidade de Piancó, quando nas noites quentes de verão, ficávamos todos, crianças e velhos, sentados à calçada do senhor Manoel Rufino<sup>1</sup>, todos atentos as suas “histórias” e “estórias” para todos os gostos dos que estavam presentes, porém ele sempre contava uma história em particular: a história da passagem da Coluna Prestes em Piancó. Para ele, aquela sim, tinha algo a mais que deixava sua platéia de ouvintes mais compenetrados, mais atentos, por assim dizer, prova disso, era quando os mais velhos, embora conhecedores das histórias do seu Manoel, faziam questão de puxar seus tamboretos de forma que os aproximassem ainda mais da velha cadeira de balanço de seu Manoel Rufino, deixando para trás as crianças que por essas alturas, já tinham em suas veias o sangue gelado, o coração palpitante e olhos arregalados, entre elas “eu”, que como todos ali presentes, ansiava por ouvir mais uma vez aquela história que para seu Rufino tinha uma conotação que a diferenciava das demais histórias, já que, por ocasião da passagem da Coluna Prestes naquela cidade, teria ele ficado órfão de pai, pois o guarda municipal Rufino Soares, assassinado

---

<sup>1</sup> O leitor poderá ainda conhecer o senhor Manuel Rufino, ainda sentado a sua velha cadeira de balanço, tal qual nos vem as lembranças do velho contador de histórias e estórias, nos anexos que seguem.

pelos revoltosos em Companhia do Padre Aristides Ferreira da Cruz<sup>2</sup>, era o seu pai.

Tendo passado aquele momento de recordações, iniciava-se então, uma intensa e proveitosa pesquisa que avançavam com leituras e informações adquiridas durante as várias viagens que se fez durante o processo de investigação às fontes.

Para tanto, o primeiro passo dado foi conhecer a obra de Padre Manuel Otaviano, intitulada "*Os Mártires de Piancó*", que a muito custo nos foi possível tal aquisição que se deu graças à gentileza do promotor de justiça de Piancó, o Dr. Adhemar Leite, que nos cedeu o seu exemplar, já que trata-se de uma obra cuja edição já é esgotada. Vencida este primeiro obstáculo, iniciava-se um trabalho detectivesco que nos custaram inúmeras viagens a Piancó, sem muito sucesso, salvo as entrevistas com Juanita F. da Cruz e o Sr. Manuel Rufino. Pois descobriu-se que quase todo o material que nos permitiu esta análise se encontrava em João Pessoa, desde jomais de época, até alguns processos (estes últimos foram os únicos documentos que não se pôde ter acesso, graças a uma série de burocracias).

Tendo passado este primeiro momento da pesquisa, sabíamos de forma vaga onde poderia-se encontrar as fontes que nos auxiliariam durante este trabalho. Tratou-se de buscar ajuda de alguns profissionais da História que, de alguma forma nos subsidiariam de informações necessárias para se chegar definitivamente às fontes, para tanto contamos com o conhecimento e as informações da professora historiadora Lúcia de

---

<sup>2</sup> Padre Aristides F. da Cruz – líder político local. que enfrentou a oligarquia Leite na região de Piancó. Foi sacerdote. mais tarde expulso da Igreja católica por D. Adauto. Foi eleito deputado estadual.

Fátima Guerra, que nos indicou duas ex-alunas do curso de História – Campus I – João Pessoa, que poderiam nos ajudar com mais informações, já que ambas usaram como objeto de estudo para seus trabalhos também de caráter monográfico, “A Coluna Prestes<sup>3</sup> na Paraíba”.

Tratou-se, portanto, de conseguir endereços, telefones, tudo que nos levasse a tais alunas, que para nossa decepção, só conseguiu-se chegar a uma delas, que por sua vez pouco acrescentou às informações que tínhamos conseguido escavar. Porém, nos informou o jornal “A União”, local onde provavelmente encontraria-se um significativo acervo.

Tudo bem, vencida a distância do jornal “A União”, que fica no Distrito Industrial de João Pessoa, foi o mínimo em relação aos vexames em que passaria-se para chegar até o Diretor daquele jornal. Pelo que recordo, quatro salas, três secretárias mal humoradas, diga-se de passagem, era tudo o que se tinha de enfrentar para pedir permissão ao Diretor do jornal para sair com uma das “pranchas” em busca de uma copiadora que não danificasse os jornais, o que só foi possível com a presença de um funcionário, que gentilmente nos acompanhou nesta odisséia de encontrar tal máquina pelas ruas da capital. Para minha frustração, quando encontrou-se tal máquina, esta não funcionava por falta de energia. Tudo isso nos levava a mais uma, duas, três ..., não sei quantas viagens, mas o importante é que em todas elas novas descobertas eram feitas . no Batalhão da Polícia Militar, os jornais: A União (1926);

---

<sup>3</sup> Coluna Prestes – articulada pelo Capitão Luis Carlos Prestes nos anos 20. sob o signo de uma Coluna Militar tenentista. surgiu da necessidade ou ausência de forças políticas de expressão que enfrentasse a velha estrutura oligárquica ainda vigente e atuante no país. e. ainda contra o governo de Artur Bernardes. Os périplos da Coluna Prestes durou 2 anos e percorreu quase todo o país. inclusive o interior paraibano. cenário de um dos poucos lugares em que a Coluna sofreu resistência.

no IHGP (encontra-se o acervo particular do Sargento Manuel Arruda); no Palácio do Bispo (O jornal A Imprensa, além das cartas enviadas por D. Aduato, a Padre Aristides, assim como ao Padre Manuel Otaviano). Assim se deu o processo de investigação às fontes.

À medida que avançavam as leituras, percebiam-se algumas diferenças entre o que havia nos contado o nosso narrador e o que encontrávamos registrados nas fontes que íamos tendo acesso. E isso, nos despertou uma curiosidade sem tamanho em podermos conhecer que outras versões foram construídas explorando a passagem da Coluna Prestes em Piancó. E, ainda, que em todas elas havia particularidades que as aproximavam ou as diferenciavam entre si.

Esse reconhecimento, no entanto, nos dava a certeza de termos encontrado um fio condutor que com toda clareza permitiria um estudo mais aprofundado do tema. Uma vez que já eram notórias as construções discursivas acerca do episódio que marcou a passagem da Coluna Prestes pelo interior paraibano, registrado pelo trágico epílogo em que foi teatro a Villa de Piancó.

Tinha então, o discurso construído para responsabilizar a Coluna pela “chacina”; para isso analisa-se dentro desse universo discursivo a obra de Padre Manuel Otaviano, a versão de Juanita Ferreira da Cruz<sup>4</sup> e a versão dada pelo ex-deputado Manuel Arruda sobre os acontecimentos. Inseridos nesta mesma formação discursiva, trata-se de

---

<sup>4</sup> Juanita Ferreira da Cruz – filha da união do Padre Aristides F. da Cruz e Maria José (D. Quita), uma moça do coral da Igreja. Dessa união nasceram 5 filhos, sendo que Juanita F. da Cruz é a única viva e morando em Piancó.

analisar o discurso oficial (Estado), além do entendimento por parte da Imprensa (1926) sobre o episódio na villa de Piancó.

Observou-se, também, a interpretação dentro do universo discursivo que busca justificar a ação da Coluna em Piancó, sustentado por Anita Leocádia Prestes, em *"A Coluna Prestes"* e do próprio Luís Carlos Prestes (líder da Coluna Prestes), além das versões de dois ex-integrantes da Coluna: Lourenço Moreira Lima (ex-secretário da Coluna) e Cordeiro de Farias (chefe da Vanguarda que penetrou em Piancó). Para tanto, apóiam-se no contexto político local, nos momentos que antecedem à passagem da Coluna por aquela Villa.<sup>5</sup> Ou seja, para os líderes da Coluna, assim como para a historiadora Anita Leocádia Prestes, a Coluna teria servido apenas como "bode expiatório" para decidir o cenário político daquela Villa, uma vez que, com a morte do padre Aristides F. da Cruz, principal opositor da oligarquia leite na região, resolver-se-ia parte dos problemas causados pelo Padre à família Leite.

Refletindo sobre essas duas formações discursivas, nos fez chegar à conclusão da necessidade de conhecer o discurso oficial, ou seja, como o Estado representado na figura de João Suassuna naquele momento, se portou diante de tão aludido acontecimento. Contribuindo para o discurso oficial percebeu-se que seria necessário pensar também, até que ponto a Imprensa de 1926 colaborou para evidenciar o discurso oficial.

---

<sup>5</sup> Ao longo do nosso trabalho nos referiremos a Piancó como Villa, já que essa era a condição no momento da passagem da Coluna Prestes. Do seu território foram desmembrados inúmeros distritos: elevados à condição de cidade: Aguiar. Boqueirão. Santana dos Garrotes. Catingueira. Nova Olinda e Olho d'água.

Dessa forma, busca-se trazer à tona discussões que até então haviam sido marginalizadas pela historiografia, e que se pretende através da realização desta Monografia, reacender intensos debates sobre o tema, já que não existe trabalho sobre a passagem da Coluna Prestes na Paraíba, nessa perspectiva.: analisar as várias interpretações construídas acerca do episódio.

É certo que , ao tomarmos discurso como suporte teórico-metodológico, estaremos buscando entender as práticas sociais desenvolvidas em torno da “chacina” em Piancó que vitimou além do Padre Aristides, 16 pessoas que estavam em sua companhia. Pois, fazendo isto, estar-se-á descobrindo a historicidade que existe em cada construção discursiva acerca do episódio.

Vejo de grande importância a interpretação que se faz possível dentro de um estudo que envolve “construções discursivas”, já que isto permite isolar as diferenças inerentes a cada discurso de forma que as várias condições de possibilidades em que se deram tais construções discursivas apareçam.

Há de se considerar que todas as fontes analisadas nos deixam uma margem favorável para um estudo que reconheça de antemão o seu caráter inédito. Isto porque não se pretende aqui, ver a fonte primária ou secundária como um documento que remete à verdade no calor dos acontecimentos que marcaram a passagem da Coluna em Pianço. Estas, serão analisadas apenas como mais um acontecimento discursivo.

Percorrendo a bibliografia que faz referência ao episódio de Piancó, encontra-se registrado na obra da historiadora Lúcia de Fátima Guerra, *“A Coluna Prestes e a Paraíba”*, um capítulo onde ela faz uma



leitura rápida e insuficiente sobre o tema, visto que, sua preocupação fora unicamente fazer um mapeamento da situação política nos momentos que antecederam à passagem da Coluna em Píancó, mostrando, enfim, o poder e a influência da Oligarquia Leite dentro e fora da Villa.

Este material é válido para que seja entendida melhor “a relação de poderes” naquela Villa, além de nos ajudar a entender a ruptura que houve entre o Padre Aristides F. da Cruz e a oligarquia Leite, levando-os a um confronto aberto pelo poder.

Os demais livros que mencionam o “caso de Píancó”, procedem da mesma forma das duas obras comentadas anteriormente, ou seja, narram os fatos repetindo sempre o óbvio, quando muito acrescentam, são as conclusões acerca dos acontecimentos.

Porém, ao invés de se refletir unicamente sobre os acontecimentos daquela manhã de 09 de fevereiro de 1926, precisando de forma minuciosa os fatos, busca-se identificar como foram sendo criados os três universos discursivos os quais se pretende analisar, e, ainda, mostrar que esses discursos foram sendo construídos ao sabor de conveniências próprias. Explica-se: que todos tiveram um fim, fosse para “acusar a Coluna pela chacina”, fosse para “justificar a ação da Coluna”.

Dadas as inúmeras versões que tomam a passagem da Coluna em Píancó um enigma, aproveita-se a oportunidade para uma breve crítica aos historiadores regionais e partidários de ambos os lados, que se encarregaram de construir versões que atendessem as suas próprias conveniências. Com isto, aproveitam-se como eixo norteador, as propostas discursivas que servirão como fio condutor “problema” em nosso estudo.

Entre estas, a princípio, pode-se evidenciar aqui, a primeira versão mais divulgada e com os mais relevantes registros históricos que pertence aos partidários de Luís Carlos Prestes. Segundo ela, a Coluna teria sofrido uma emboscada pelos legalistas que teriam norteado uma bandeira de paz à entrada da cidade e, no exato momento em que os revoltosos chegaram perto, o suficiente da casa onde o grupo do padre estava na expectativa, este iniciou o tiroteio matando o tenente Laudelino Pereira da Silva, militar de grande prestígio entre os rebeldes "prestistas"<sup>6</sup>. Indignados com a "traição", os revoltosos fuzilaram e degolaram o grupo legalista de Piancó.

Outra versão bastante comentada pela historiografia e, em particular pelos pianoenses, é que o trágico fim do padre Aristides F. da Cruz, assim como dos seus companheiros, teria sido resultado do plano arquitetado pelo presidente da Paraíba, juntamente com a Oligarquia leite, já que ambos eram inimigos políticos do Padre Aristides F. da Cruz e, portanto, teria o presidente João Suassuna induzido o padre a resistir à entrada da Coluna naquela Villa.

Assim, elenca-se nesta Monografia três capítulos que sugerem ao leitor um maior entendimento sobre a Coluna Prestes e o caso Padre Aristides em Piancó.

O primeiro capítulo foi pensado de forma que o leitor pudesse conhecer o contexto político, nos momentos que antecederam a passagem

---

<sup>6</sup> "prestistas" - Vale ressaltar que em nossos estudos esta palavra "prestistas" só começou a se pronunciar nos jornais datados a partir de 1952. Antes (1926) tanto os jornais como as entrevistas que se encontrou referiam-se aos "prestistas" como "revoltosos" ou "horda de invasores" e ainda, "cangaceiros".

da Coluna em Piancó. Pois só assim poderá haver um entendimento e, porque não dizer, um envolvimento com o segundo capítulo.

No segundo capítulo trataremos de analisar o discurso construído para “justificar” a ação da Coluna em Piancó. Para tanto, nos valeremos das versões de Anita Leocádia Prestes e dois ex-integrantes da Coluna: Lourenço Moreira Lima e Cordeiro de Farias.

E, para nos auxiliar nesta análise discursiva utiliza-se neste capítulo, alguns telegramas que, em outras produções acadêmicas funcionaria como anexo, mas prefere-se inserí-los dentro da análise.

O terceiro capítulo do nosso entendimento, requer um tanto de atenção, isso por que, neste capítulo concentra-se a maior parte de nossas investigações, diga-se de passagem não foram poucas, e sim intensas investigações ao longo de mais de três anos de pesquisa. De forma que, encontra-se registrado neste capítulo o discurso construído para “responsabilizar” a Coluna pela “chacina”.

A estratégia utilizada para analisar esse universo discursivo foi num primeiro momento, mostrar as construções discursivas sobre a passagem da Coluna Prestes em Piancó na ótica de Padre Manuel Otaviano e Juanita F. da Cruz. Em seguida, passa-se a analisar a formação discursiva dentro da versão oficial (Estado) sobre a “chacina”, assim como o discurso da Imprensa (1926).

## CAPÍTULO I

### INIMIGOS ATÉ QUE A MORTE OS SEPAREM: os embates políticos que antecederam a passagem da Coluna em Piancó

“Piancó”, palavra que para os índios cariris significava “terror”, “pavor”, teve a sua história marcada no ímpeto destes significados, quando no dia 09 de fevereiro de 1926 travou-se naquela Villa um combate entre as tropas “prestistas” e as tropas legalistas, esta última encabeçada pelo Padre Aristides Ferreira da Cruz, resultando no que os jomais da época viriam a chamar de “*A Hecatombe de PIANCÓ*”.

Desde cedo Piancó foi se destacando entre as demais cidades do interior paraibano, “*sendo considerada o mais antigo núcleo de gente civilizada no Sertão paraibano depois de Pombal*”.<sup>8</sup>

A oligarquia Leite, família que manobrou a política local por quase 200 anos, “*teve sua origem quando a estirpe dos Leite de velhos troncos que o governo central jogou para o norte do país com o fim de colonizar a grande região, onde dominavam as tribos cariris*”<sup>9</sup>, se estabeleceram naquela Villa, que mais tarde viria a ser chamada de Villa Velha de Santo Antônio de Piancó.

A árvore “genealógica”, ou a “Árvore do Poder dos Leite”, teve sua origem com Pedro Leite (velho bandeirante) que na sua conquista pelo

---

<sup>7</sup> Informação retirada do “Suplemento Especial em homenagem aos 411 anos de conquista da Paraíba e da Fundação da cidade de João Pessoa.”: do Jornal A União – João Pessoa. Segunda-feira. 05 de Agosto de 1996. p. 68

<sup>8</sup> OTAVIANO. Manuel. *Os Mártires de Piancó*. p. 63

<sup>9</sup> Idem. *ibidem*. p. 68

interior do país, adquiriu várias sesmarias numa extensão que acomodava terras desde o Rio Grande do Norte até o Ceará, adentrando finalmente pelas terras dos índios coremas, que compreendia Conceição, Misericórdia (hoje Itaporanga) e Princesa. Uma vez desbravadas, estas terras foram transformadas em fazendas de gado. Teodósio de Oliveira Ledo encarregou-se de continuar a conquista e que foi a linhagem dos Leite prosseguida por seu filho o “comandante” João Leite, que não mediu esforços em estender ainda mais, os domínios dos Leite. De forma que, “a fortuna dos leite transbordou de Piancó e se alastrou pelos Cariris Velhos na Paraíba até os Cariris Novos no Ceará”.<sup>10</sup>

Esse poderio econômico adquirido desde a primeira linhagem dos Leite, de certa forma refletiu para que estes adquirissem, também, o reconhecimento dos mesmos em toda a região, como a família mais influente em todo o Sertão Paraibano.

Contudo, este “reconhecimento” foi estendido no cenário político, prova disso, foi a posição ocupada por Dr. Felizardo Leite (deputado federal, cargo este que serviu como um dos mecanismos na luta contra padre Aristides pelo poder na região.

A hegemonia política dos Leite foi quebrada quando chegou naquela Villa, em 1902, o Padre Aristides, indicado pelo então bispo da Paraíba D. Aduino Aurélio de Miranda Henriques (1894/1935), para presidir a vida religiosa dos piancoenses.

Conceituado como “indivíduo das idéias fixas”<sup>11</sup> por seus colegas seminaristas, Aristides Ferreira da Cruz sempre era motivo de

<sup>10</sup> OTAVIANO. Manuel. Op. Cit. P.63

<sup>11</sup> OTAVIANO. Manuel. Op. Cit. P. 37

discussão, fosse pelo fato de não dominar o português nem o latim, levando-o a censura dos colegas por tamanhos disparates, fosse pela característica que melhor o definia: “teimoso”. Era em Aristóteles que se apoiava para teimar, chegando muitas vezes a dizer que “*se Aristóteles não tivesse existido a lógica também não teria nascido*”.<sup>12</sup>

Dessa forma, Aristides Ferreira da Cruz, durante o tempo que passou no Seminário era considerado um aluno de regular para bom, havendo lecionado em João Pessoa, em cujo Seminário Maior se ordenou em 01 de novembro de 1901. Sua primeira paróquia foi numa pequena cidade do Rio Grande do Norte, já ordenado passou a acessar D. Aduino de Miranda Henriques (1º bispo da Paraíba), que em suas visitas pelos sertões, sempre em companhia de padre Aristides F. da Cruz, chegou a Piancó, onde padre Aristides em sua breve estadia naquela Villa, conseguiu fazer amigos. Assim era Padre Aristides, diz este artigo:

*“Maneioso, homem vivo e diligente afeito ao povo sertanejo e aos seus interesses, granjeou simpatias do povo piancoense... Em consequência desse bem-querer popular, foi convidado a ficar como vigário de Piancó. O povo pediu a D. Aduino e êle consentiu. Em agosto de 1902, assumiu os destinos da paróquia”.*<sup>13</sup>

Estando em Piancó, a princípio, Padre Aristides manteve uma relação amigável e cordial com a família Leite, tendo este prelúdio de paz

---

<sup>12</sup> Idem. *ibidem*. p. 38

<sup>13</sup> O Cruzeiro (23 de abril de 1955. p. 31/32)

durado até se darem as primeiras divergências pessoais entre o Padre e o Dr. Felizardo Leite *“também líder político na região”*.

Dez anos se passaram após a chegada do Padre em Piancó e o que se tinha era uma intensa disputa entre o padre Aristides e a família Leite, que mostrava-se temerosa em perder seu poder de “mando” na região.

O padre de outrora, que havia chegado alheio à política daquela pequena villa, já não era o mesmo.

Intrigado com toda aquela submissão a que sujeitavam os piancoenses junto à Oligarquia Leite, padre Aristides se une a algumas pessoas de prestígio na villa, passando a revidar contra a família Leite, apelando inclusive para a rivalidade já existente entre Epitácio Pessoa e a Oligarquia Leite que fazia oposição ao chefe do Partido Venancista em todo o sertão. Daí a explicação que motiva a ajuda de Epitácio Pessoa ao padre Aristides na luta contra os Leite.

A partir de então, o padre mediu o tamanho do inimigo que ia enfrentar e as armas que dispunha para atacar. Assim, Padre Manuel Otaviano o descreve: *“Corajoso, decidido, lançou-se ao campo da luta e desenvolveu sua propaganda contra a família Leite nos povoados, nos distritos, nas fazendas, nos jornais, na tribuna popular..., gritava em praça pública que era preciso acabar com o regime que os Leite haviam estabelecido em Piancó: ‘do quero, posso e mando’”*.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Os Mártires de Piancó. p. 55

A estratégia política adotada pela família Leite para se manter no poder foi vasculhar a vida pessoal de Aristides, assim como nos mostra um artigo do Jornal "O Cruzeiro".

*"Os inimigos do padre vêem atitudes inconfessáveis nas visitas contínuas que o sacerdote fazia a certa família em cujo seio havia uma moça que cantava no cântico da Igreja. Aparecem os primeiros ataques à honorabilidade do padre, até então inatacada por mais de 10 anos"<sup>15</sup>.*

Iniciadas as investigações sobre a vida pessoal do padre Aristides por parte dos Leite, aumentava-se o ódio entre o padre Aristides e seus opositores que iriam travar uma batalha incessante pelo poder.

Novas acusações surgem para o recrudescimento da luta. Novas denúncias de que o padre Aristides mantinha um laço amoroso com a moça do coral da Igreja, além do seu envolvimento com a política local que aumentava a cada instante, fazendo que este deixasse em segundo plano suas obrigações sacerdotais. Todas estas denúncias chegavam aos ouvidos de D. Adauto. Dessa vez o Bispo suspendeu as ordens do Padre Aristides. Definitivamente. Encarregou-se de comunicar o afastamento do padre Aristides, além de cientificar aos piacoenses de sua decisão, passando esta missão, ao substituto do Padre Aristides, o autor de *Os Mártires de Piancó*, "o padre Manuel Otaviano", também vigário naquela região.

---

<sup>15</sup> O Cruzeiro. 23 de abril de 1955. p. 32 / 33



Se propõe, a partir de então, reproduzir as cartas enviadas por D. Aduato naquela ocasião:

*"Ao Revmo. Ilmo padre Aristides Ferreira da Cruz.*

*Tendo chegado ao nosso conhecimento a falta de obediência as nossas paternaes advestações, feitas pessoalmente a V. Rvma, por factos que desabanam inteiramente a integridade sacerdotal e até mesmo do homem de bem, o que infelizmente vemos comprovado e ao domínio de todas, com pezar retiramos de V. Rvma. o exercício de todas as sagradas ordens, até que tenhamos de V. Rvma. a prova segura de correção, de submissão e obediência, que sempre temos recebido do Nosso clero. Prazo ao Sagrado Coração de Jesus que V. Rvma. bem se compenetre da gravíssima responsabilidade que tem diante de Deus, maxime servindo de escândalo à Igreja de Nosso Senhor Jesus Christo e aos fiéis".*

*Paço Episcopal da Parahyba,  
em 16 de julho de 1912.<sup>16</sup>*

A carta como se vê, era um labéu contra o Padre Aristides. Além de causticar-lhe o caráter, comunicava-lhe aos paroquianos a providência, anexando o ato de suspensão. Vejamos ainda, a

---

<sup>16</sup> Arquivo Eclesiástico da Paraíba (C:C/3) (002) Estante E1P1. p. 67

correspondência enviada ao Padre Manuel Otaviano que o deixava sabedor da suspensão de Padre Aristides.

*"Ao Ilmo Revmo. Padre Manuel Octaviano, vigário de Piancó.*

*Com pezar de Nosso Coração enviamos junto o acto pelo qual suspendemos do exercício de todos as ordens o Padre Aristides Ferreira da Cruz. Encarregamos a V. Rvma. para fazer-lhe entregue o referido acto, scientificando-lhe mais que, si por maior infelicidade commeteu a violação da censura, declararão a todos os fiéis que ficam excommungados aqueles que procurarem-no ou receberem, ou assistirem dele qualquer sacramento, ou acto religioso.*

*Paço Episcopal da Parahyba, em 16 de julho de 1912".<sup>17</sup>*

Como divulgador da decisão de D. Adauto, Padre Manuel Otaviano dizia aos piancoenses na ocasião:

*"Aristides rompeu com o Bispo. Homem impulsivo e valente... revelou-se. Sabia que tudo era perseguição política. Afirmava nada haver de anormal em suas visitas à moça Maria José. Teria sido injusto o ato que lhe cassava os direitos eclesiásticos. E revoltado, declarou-se*

---

<sup>17</sup> Arquivo Eclesiástico da Paraíba (C:C/3) (002) Estante E1P1. p. 67

*num assomo de coragem: Agora vou ensinar a D. Aauto a ser Bispo. Até hoje não fui um padre ruim. Vou justificar o ato que me suspendeu trazendo a moça para dentro de minha casa”<sup>18</sup>*

Continua o Padre Otaviano em seu discurso aos paroquianos que assistiam à missa, utilizando-se das mesmas palavras proferidas por Padre Aristides:

*“... vou juntar-me com essa moça. Não condenem o meu ato e nem o ato da Igreja. O Bispo errou e me fêz errar”<sup>19</sup>*

conclui padre Otaviano, incubido da missão de esclarecer os fatos que conduziram o afastamento do Padre Aristides da Igreja.

Mesmo tendo sido “afastado” de suas obrigações sacerdotais, Padre Aristides F. da Cruz prosseguia sua vida sacerdotal quase tão normal quanto nos primeiros anos em que ele havia chegado naquela Villa, rezando missas, dando a extrema unção a quem precisasse, enfim, continuava a contrariar as ordens de D. Aauto, teimosia esta, que não surpreendia mais ninguém, nem mesmo a D. Aauto, que já era conhecedor de sua fama de “teimoso”.

Dadas às frequentes investidas do Padre Aristides contra os Leite, foi se tomando insustentável a convivência entre ambas as partes dentro da pequena Villa. É o que nos mostra esse artigo do jornal “O

---

<sup>18</sup> Arquivo Eclesiástico da Paraíba (C.C/3) (002) Estante E1P1. p. 67

<sup>19</sup> O Cruzeiro. 23 de abril de 1955. ° 33

Cruzeiro, de 1955”, que permite compreender a dimensão que havia tomado a luta pelo poder na então Villa de Piencó.

*“No dia 22 de agosto de 1922, a casa do padre foi cercada pelos correligionários dos Leite. Muita bala. Tiroteio de 26 horas seguidas. Os Leite impõem o seu poderio bélico. O padre foge para Souza na Paraíba. Epitácio Pessoa no Governo da Nação lhe dá a mão forte e determina que vá assumir suas funções de chefe político em Piencó: se a polícia for pouca, o exército irá garanti-lo, declara o chefe do governo. Na Assembléia era o padre um gavião de penacho. ‘Os Leite, seu alvo principal’, e continuava a luta até 1926<sup>20</sup> (grifos meus)*

Segundo essa formação discursiva apresentada, que era bastante visível a complexa rede de poder que envolvia o Padre Aristides, fazendo deste uma vítima das várias possibilidades por ele mesmo criadas, e, não uma vítima direta da Ação da Coluna.

A idéia de inserir desde esse primeiro momento no corpo do trabalho fontes que, diga-se de passagem, nos ajuda a compreender a face de dois gumes em que se constroem os discursos sobre os motivos que levaram a tal desfecho ocasionado pela passagem da Coluna por Piencó, onde nos apropriamos da designação tão utilizada pela Imprensa “A Hecatombe de Piencó”, se quer com isto, codificar o contexto aos capítulos que serão analisados.

---

<sup>20</sup> grifos meus

Dentro da multiplicidade dos discursos a serem analisados se faz necessário salientar que, não se quer esterilizar o contexto, e sim, a partir dele, se poder enxergar as tramas a que se referem os enunciadores que fazem parte do universo discursivo que busca justificar a atitude dos integrantes da Coluna dentro da Villa de Piancó.

Por tudo isto, em vários momentos deste capítulo buscamos não interferir na “precisão” das fontes. Ou seja, apresentamos tal qual elas anunciam, sendo o caso das “cartas” enviadas a Padre Manuel Otaviano e a Padre Aristides, por D. Aduino de Aurélio de Miranda Henriques. Ou ainda, algumas passagens de jomais que apresentam a faceta ou, como anuncia-se, dentro da proposta discursiva que abraçamos, analisar os discursos a partir das tramas e estratégias que os envolvem.

A esse propósito, poder-se-ia falar do trecho o qual encarregamos de grifá-lo, trata do artigo do jornal “O Cruzeiro” (1955) aqui mostrado à página 14, que traz uma afirmação um tanto precisa das “tramas” pelo poder que envolviam o padre Aristides e a Oligarquia Leite nos momentos que antecederam à passagem da Coluna naquela Villa, ou seja, de que “os Leite era seu alvo principal”. Sendo este o fator em potencial que levou os integrantes da Coluna a se esquivarem unicamente pela culpa por tal “Hecatombe” que acometeu a Villa de Piancó. Para tanto, nos valeremos de algumas informações que nos sugerem as cartas enviadas por D. Aduino, por exemplo, à medida em que nossa análise exigir um retorno as mesmas como fonte de investigação, o faremos.

Há de se considerar que, dentro do universo discursivo que justifica a ação da Coluna toma-se como referência além da disputa pelo poder na região, a própria conduta do Padre Aristides. Para tanto,

utilizam-se inclusive, do episódio que levava ao afastamento do Padre Aristides da Igreja. Enfim, as estratégias utilizadas para a construção desse discurso (que justifica a ação da Coluna) nos serão apresentadas durante a sua própria formação. Assim poderemos conhecer as várias enunciações a despeito de cada discurso que se pretende analisar, a começar pelo discurso que entendemos como sendo aquele discurso formado, porque não dizer pensado a partir do contexto político da Villa Velha de Santo Antônio de Piancó.

## II Capítulo

### O PADRE E OS PODRES: as versões que não contaram

Economista e historiadora, Anita Leocádia Prestes (filha de Luís Carlos Prestes) tomou como objeto de estudo para sua tese de Doutorado, a História da Coluna Prestes, intitulada “A Coluna Prestes”. Anita Leocádia não deixa despercebidos os feitos da Coluna quando esta passou pelo interior paraibano. Para isso, traz ao conhecimento de um público mais amplo versões que, para ela, assim como para seu pai, justifiquem o desfecho ocasionado pela passagem da Coluna por Piancó.

Há de convir que se faz necessário tecer algum comentário sobre tal tese, pois não é sempre que a “Academia” tem a oportunidade de se deparar com algo tão inusitado, ou seja, uma filha que escreve sobre o pai.

Teria ela conseguido separar o “joio do trigo”? Em outras palavras, não se deixar conduzir unicamente pelas versões dadas por Prestes que ela própria apresenta em sua obra, sem tirar ou pôr?

No nosso entendimento houve mais do que um comprometimento com o discurso criado para justificar a ação da Coluna. Houve também um aparato intelectual da parte de Anita Leocádia para que esse discurso tivesse uma base sólida para se firmar enquanto versão.

Em seu discurso, a justificativa inicial que ela dá para a “chacina” é que os integrantes da Coluna teriam sido enganados por uma bandeira branca que teria sido hasteada, levando-os a acreditar que seriam

bem recebidos na Villa, o que não ocorreu, pois já à entrada da villa teriam sido recebidos à bala, levando assim à morte de um dos líderes da Coluna: o sargento Laudelino Pereira da Silva, um oficial muito querido entre os “prestistas” e que os acompanhava desde o Rio Grande do Sul.

Segundo Anita Leocádia, o padre Aristides e seus companheiros foram “justiçados” pela reação que acometeu todos os integrantes da Coluna, foi consequência do senso de justiça pela perda de um oficial tão estimado entre eles, que teria sido a primeira vítima da hostilidade dos piancoenses, liderados pelas tropas “legalistas” e pelo padre Aristides e seus capangas. Diz Anita Leocádia em sua tese:

*“Vê-se, portanto, que em Piancó houve uma explosão espontânea de ódio, provocado por uma traição – o hasteamento da bandeira branca, e ao mesmo tempo o ataque aos rebeldes que levava a morte de um companheiro querido e estimado por todos”.*<sup>21</sup>

Pretende-se, aqui, abrir um parêntese para que seja explicado esse equívoco da bandeira branca, a qual faz referência Anita Leocádia e que teria sido o início de tudo.

Em nossas investigações, descobriu-se o acervo pessoal de Sargento Manuel Arruda, doado por ele ao IHGP. Onde consta que essa “bandeira branca” tida como o estopim, foi nada mais do que um trapo de pano velho que teria sido colocado na ponta de uma espingarda, por um detento chamado “Preá”, que havia sido liberto pelo delegado momentos

---

<sup>21</sup> PRESTES. Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. 2. Ed. São paulo: Brasiliense. 1991. P. 249



antes da entrada da Coluna na villa. Desesperado ao encontrar os “rebeldes” na villa, não pensou duas vezes em salvar a própria pele, se valendo de sua camisa amarrando-a à ponta da espingarda, o que infelizmente não foi possível, pois Preá acabou sendo alvejado e morto pelos rebeldes.

Em se tratando da versão de Luís Carlos Prestes sobre a “chacina”, não se encontra muita diferença da atestada por Anita Leocádia, ou seja, Prestes reconhecia no Padre Aristides o único responsável por sua morte, já que o padre, segundo ele, teria pedido reforço para sufocar as tropas “prestistas” quando estas passassem por Piancó.

É interessante ressaltar que L. Carlos Prestes, ao se referir a Padre Aristides, sempre o apontava como um grande latifundiário. E isso explicaria a resistência oferecida por parte do padre e seus capangas às tropas “prestistas”, segundo sua versão.

Em entrevista a Anita Leocádia, quando esta recolhia dados para escrever sua tese de doutorado, esta pergunta a Prestes:

- *“Quem teve a iniciativa de abrir fogo?”*

Prestes responde:

- *“Foi o padre, chamado Aristides que era proprietário de terras, cangaceiro e deputado”.*

Prestes inicia, então, um discurso extemando a sensação de ódio que envolveu os companheiros do sargento Laudelino:

*“Fizeram fogo cruzado e o sargento caiu, os soldados entraram feito feras*

*"... então, a vanguarda veio, atacou a casa do padre e acabou com o padre. Isso até hoje se fala como foi...*

*"Quando as tropas entravam na cidade e viam o corpo do sargento, iam meter a espada lá na cara do cadáver, lá no olho do padre, de tão indignados que estavam..."<sup>22</sup>*

Este trecho deixa, portanto, transparecer que houve muito mais que uma "explosão espontânea de ódio", como afirmou Anita Leocádia. Houve, sim, uma sequência de atos "bárbaros", fora dos propósitos de quem buscava estabelecer a ordem no país, que iniciou com o sangramento das vítimas, sendo estas obrigadas a beberem seu próprio sangue.

Para que se entenda melhor essa "insanidade" a que nos referimos, vejamos o depoimento de Antônia Cézar, a única mulher que não fugiu da cidade.

*"Fui ver o padre morto. Vi. Tinha um buraco medonho na goela. Metade do corpo dentro d'água, metade fora. Quando eu reparava no rosto dêle, um cangaceiro me arrebatou o candeeiro da mão e derramou o gás (querosene) na cara do padre. Queria queimar o pobrezinho. Eu comi o candeeiro das mãos dêle. Não deixei que tocassem fogo".<sup>23</sup>*

Fazendo parte desta mesma prática discursiva, "justificar a ação da Coluna", contamos ainda, com a versão do tenente Lourenço M. Lima,

---

<sup>22</sup> PRESTES. Anita Leocádia. Op. Cit. P. 247/248

<sup>23</sup> O CRUZEIRO. 23 de abril de 1955. Cont. p. 34

autor de "Marchas de Combates" que naquela ocasião era "secretário da Coluna" e de Cordeiro de Farias (chefe do piquete que penetrou na villa).

Em "Marchas e Combates", livro que resultou de um diário da Campanha, onde o tenente Lourenço M. Lima registrava os combates da Coluna, inclusive o combate que a Coluna travou pelo interior paraibano, ele reconhece no Padre Aristides um homem de destreza em seus propósitos.

Na versão dada pelo secretário da Coluna, Lourenço M. Lima, a "Chacina" só ocorreu em consequência da morte do sargento Laudelino P. da Silva, que foi alvejado pela "polícia paraibana", já na entrada da villa, desfazendo portanto, a versão que o tiro que havia matado o oficial "prestista" teria partido dos homens que acompanhavam o padre.

Contudo, essa versão é desmistificada por Padre Otaviano, que afirma que a Coluna Prestes havia se retirado antes das oito horas do dia 10 de fevereiro, muito antes da recepção, por parte da polícia, aos revoltosos em Piancó, segundo o Padre Otaviano.

Quanto a Cordeiro de Farias, podemos conferir a sua postura, que não difere tanto da extemada por Prestes, de que o ódio que os envolveu foi derivado da ação "impensada" do padre em abrir fogo contra a tropa que penetrava na villa, matando o oficial já mencionado.

*"- As primeiras balas mataram à queima-roupa seis homens que vinham comigo desde o Rio Grande ... Isso me provocou um ódio incontável. Decidi resistir a qualquer preço". (p. 34)*

Cordeiro de Farias em sua análise sobre o ocorrido em Piancó, acrescentou ainda que o padre Aristides, mesmo sendo um chefe político e tivesse aliados, tinha também inimigos em toda a região. É isso, segundo ele, fez com que a Coluna em todo lugar que passava recebia manifestações de regozijo por terem acabado com o padre.

Essa afirmação nos causou estranheza, pois foi justamente o contrário que nos mostraram as fontes, ou seja, a morte do padre Aristides e seus companheiros foi motivo de orgulho para muitos paraibanos que manifestavam seu repúdio através de notas publicadas nos principais jornais de 1926. Vejamos esta nota:

*“Ficou selada com o sangue das infelizes vítimas a passagem pelo Sertão da Paraíba dessa Coluna de anarquistas bárbaros. As vítimas tiveram o crime de defender a legalidade e a ordem dentro do seu território, de sua própria casa”.*<sup>24</sup>

Essas manifestações pela perda de Padre Aristides partiram de todas as partes da Paraíba, como também de outros Estados, como se poderá perceber através dos telegramas que seguem:

#### Telegramas enviados a João Suassuna:

*União (Quinta-feira, 18 de fevereiro de 1926)*

---

<sup>24</sup> Jornal A Imprensa. a1926 – p. 32

NATAL, 13 – Receba em nome meu Estado a expressão do Sincero pesar que experimentam todos os meus conterrâneos ao receberem a triste notícia da chacina de Piancó, em que pereceram vítimas do cumprimento do seu dever o padre Aristides, o prefeito municipal e demais companheiros – José Augusto – Governador.

PRINCEZA, 13 – Aceite caro amigo nossas sentidas condolências desaparecimento bravo padre Aristides demais vítimas hecatombe Piancó constitue mais um estímulo defendermos nossa Parayba horda rebeldes e desnaturados brasileiros – José Pereiro Pedro Cunha e AVilla Lins.

PILAR, 16 – Manifesto meu sincero pesar dolorosa hecatombe Piancó agravada assassinato nosso valoroso correligionário padre Aristides – João José Marója.

PARAYBA, 16 – Partilho immensa magua govêmo consequencia frios monstruosos factos Piancó, tanto deprimem nossa civilização. Respeitosas saudações – Sizenando Oliveira.

AREIA, 15 – Recebi seu telegramma. Se por um lado temos motivos satisfação por outro lado temos prantear memória nossos correligionários bravos soldados e civis mortos defesa nossa pátria. Façamos votos nossos irmãos Pernambuco sem perdas muitas vidas passam defender seu território – Cunha Lima.

PATOS, 13 – *Levamos vossencia nossas condolencias trágico desfecho invasão rebeldes Piancó. Saudações – Miguel Satyro, Peregrino Filho, José Genuino e João Olyntho.*

UNIÃO (Terça-feira, 23 de fevereiro 1926)

“Telegrama do Senador Epitácio Pessoa ao Presidente João Suassuna”

PETRÓPOLIS, 20 – *Calorosas felicitações pela sua attitude decidida solícita e incansável em defesa da ordem legal Estado que folgo saber restituído paz anterior. Congratulo-me também com todos quantos, esforçados e vallentes secundaram sua ação e envio expressões meu mais sincero pesar as famílias dos que tombaram pela nobre causa, legando aliás aos seus conterrâneos bello exemplo de abnegação e de civismo – Epitácio Pessoa.*

“Também do Senador Epitácio Pessoa havia recebido dias antes o presidente J. Suassuna o subseqüente despacho”

PETRÓPOLIS, 14 – *Presidente Bemardes mandou-me telegrammas. Aguardo notícias compungido perda conterrâneos amigos. Abraços – Epitácio pessoa.*

Achamos por bem inserir estes telegramas ao capítulo em análise, para que se verifique que toda formação discursiva em tomo da passagem da Coluna Prestes por Piancó teve um propósito. Neste caso, de justificar a ação da Coluna.

Deve-se considerar que “um discurso nunca é igual, e varia com acréscimos ou decréscimos conforme objetivos políticos que os orientam.”<sup>25</sup> Com isso, deve-se atentar para duas questões essenciais em se tratando de discurso: as táticas e as estratégias inerentes a cada discurso analisado. Sendo esta, uma das nossas maiores preocupações durante toda esta análise discursiva.

Dessa maneira pode-se precisar que estes dois mecanismos de sustentação do discurso: táticas e estratégias caminharão lado a lado durante toda esta análise. Explica-se:

Em se tratando deste capítulo, verificou-se que isto fica muito claro, mostrando, pois, que toda construção discursiva é, sem sombra de dúvida, montada em cima de um discurso interessado. A partir disso, nos sentimos à vontade para tecer algumas considerações sobre este capítulo.

Uma delas seria que todas as versões apresentadas neste capítulo sobre a chacina, dão conta que a “Coluna Prestes” tenha sido “usada” para uma causa política de âmbito estadual e também local. Causas estas, deixadas à margem de uma discussão que provavelmente explicaria-se os reais motivos que culminaram com a morte do padre Aristides e os seus simpatizantes. Com isso, a exclusividade pela culpa da “chacina” na Villa de Piancó, não caberia unicamente à Coluna Prestes. E sim, ao padre Aristides, por ser latifundiário e tê-los enfrentados. À oligarquia Leite e a João Suassuna por, ter induzido a população piancoense a revidar contra a Coluna e, principalmente, por todas as questões políticas que já faziam da Villa de Piancó um barril de

---

<sup>25</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I (A vontade de Saber)*: p. 95/96.

pólvora. Por tudo isso, como já foi dito anteriormente, a Coluna teria sido apenas o "Bode Expiatório" em toda esta história que deixou em ruínas a Villa de Piancó.



### CAPÍTULO III

#### O DISCURSO DA ORDEM SOB A PERSPECTIVA DOS QUE "RESPONSABILIZAM" A COLUNA PELA CHACINA

"DILEMA" talvez esta seja a palavra que mais se aproxima do que se viveu nos momentos que antecederam a confecção deste capítulo. Explica-se: Ao concluir as leituras, sabia-se estar diante de uma formação discursiva sobre a Passagem da Coluna em Piancó, porém, as dúvidas surgiam, não mais com relação ao que se queria explorar dentro deste universo discursivo, já mencionado a título de capítulo. A dúvida, no entanto, era como iríamos proceder na estrutura do capítulo.

Ora, se o pontapé inicial para se conhecer melhor a história da Passagem da Coluna em Piancó, foi ler inicialmente o livro "Os Mártires de Piancó", porque não se pensar a estrutura do capítulo em questão a partir dele, ou melhor, a partir do discurso registrado pelo Padre Manuel Otaviano. E, assim, continuar a registrar a nossa análise através das demais construções discursivas, dentro da perspectiva dos que responsabilizam a Coluna pela "chacina". Assim foi pensado este capítulo.

No prefácio de "Os Mártires de Piancó", escrito por Celso Mariz, este afirma que o Padre Otaviano jamais negou em seu discurso sobre o papel positivo da Coluna, ou seja, *"a tradição inapagável de idealismo cívico, e uma das mais ousadas e belas marchas militares do*

*mun*do".<sup>26</sup> Mas, reconhece na Coluna a "*principal responsável pela morte do Padre Aristides, ou antes pela forma de sua eliminação, quando já não podia lutar*".<sup>27</sup>

Observa-se de antemão, que Padre Otaviano já começa a tecer sua posição crítica e, porque não dizer, ofensiva, em relação à Coluna.

Isto pode ser comprovado a começar pelo próprio título do livro "*Os Mártires de Piancó*" de sua autoria, que sugere já num primeiro contato com a obra, uma sutil posição contrária à ação da Coluna na Villa de Piancó.

Ou ainda, para legitimar seu discurso, Padre Otaviano utilizou-se de uma estratégia muito usada por grandes romancistas, já que ele, além de historiador, era também romancista, e membro da Academia Paraibana de Letras. Essa estratégia adotada por ele, foi a partir de palavras com significados muito fortes construir frases contundentes e chocantes de forma que, ao ler "*Os Mártires de Piancó*", o leitor menos atento se deixa conduzir unicamente pelas interpretações que ele dá sobre o "trucidamento" ou "chacina" como ele próprio se reportava ao episódio de Piancó.

Embora não tenha sido testemunha ocular dos fatos ocorridos naquela manhã de 09 de fevereiro de 1926, na villa de Piancó, Padre Otaviano, através de depoimentos colhidos, buscou, segundo ele, através de uma intensa investigação, conhecer os "verdadeiros" motivos que

---

<sup>26</sup> Trecho retirado do prefácio de "*Os Mártires de Piancó*", escrito por Celso Mariz. 1954. p. 06

<sup>27</sup> *Os Mártires de Piancó*. p. 17

culminaram com a “chacina” provocada pelas tropas “prestistas” que vitimou, além do padre Aristides, doze dos seus companheiros.<sup>28</sup>

Assim, padre Otaviano sentiu-se seguro ao afirmar que:

*“O crucidamento do padre Aristides não tem conexão com sua vida pregressa. Foi consequência do seu próprio temperamento revolucionário. Os revoltosos de 1925 – 1926, a chamada Coluna Prestes, foram os responsáveis pela chacina de Piancó”.*<sup>29</sup>

Foi apoiado nos depoimentos de pessoas como Antônia Cezar (velha padeira da cidade) e Manuel Cândido (administrador da Mesa de Rendas) que Padre Otaviano vai tentando mostrar os atos insanos que acometeram os integrantes da Coluna. Deve-se levar em consideração a condição de sacerdote do Padre Otaviano, de “discípulo e amigo” e depois adversário do perfilado Aristides, mas que nada disso, segundo Celso Mariz, veio a comprometer seu estilo para ver e versar sobre os fatos.

Para que se possa analisar o discurso de Padre Otaviano, anunciaremos trechos que nos sirvam de subsídios para melhor

---

<sup>28</sup> Relação dos nomes dos doze simpatizantes chacinados em companhia do padre Aristides:

- Padre Aristides F. da Cruz.
- João Lacerda Moreira de Oliveira (prefeito) e seu filho Osvaldo Lacerda Moreira de Oliveira (comerciante)
- Manoel Clementino de Souza (escrivão do Distrito de Aguiar) e seu filho Antônio Clementino de Souza (escrivão da Coletoria Federal).
- Rufino Soares (guarda municipal)
- Orino Quelé (agricultor)
- Hostício Gambarra (distribuidor em juízo)
- Joaquim Ferreira da Silva, José e João Lourenço, Antônio Leopoldo e João Monteiro (comerciantes)

<sup>29</sup> Trecho retirado do Jornal O Cruzeiro, abril de 1955, p. 04.

compreendermos em que moldes foi construído o discurso de Padre Otaviano.

*"... Esgotada a munição, não lhe restava mais o mínimo recurso de defesa. Pegado às mãos pela avalanche sinistra e desumana, não esmoreceu e nem pediu complacência. Apenas, em altos brados, pediu: sei que vou morrer, mais apenas peço ao comandante da força que me dê uma ligeira trégua, só enquanto rezo uma pequena oração. 'um ato de contrição'. Sou sacerdote e não devo morrer sem pedir perdão a Deus de minhas grandes culpas".*

Continua Padre Otaviano:

*"Nem essa trégua lhe foi concedida, dizem que ouviram o pedido do padre afeito no momento de ser executado e a resposta de seus algozes: 'que trégua que nada... que padre que nada! Degola este assassino de nossos camaradas e todos estes bandidos que estão com ele'".<sup>30</sup>*

Levando em consideração a condição de sacerdote do padre Otaviano, este afirmava que "qualquer sentenciado tem direito a alguns minutos antes de morrer para pedir perdão a Deus", mas nem isso foi permitido ao desventurado padre, que sob súplicas e desesperos loucos dos que iam morrendo em presença dos que faltavam morrer; fez esse pedido que lhe foi negado.

Em entrevista dada ao jornalista Alencar Monteiro, no dia 23 de abril de 1955, ao jornal O Cruzeiro, Padre Otaviano, disse:

---

<sup>30</sup> OTAVIANO, Manuel. *Os Mártires de Plancó*, p. 121.

*“... o cadáver mais estragado era o do desventurado padre Aristides que tinha não só um golpe no rosto, mas as suas faces completamente retalhadas a golpes de navalhas ou outro instrumento cortante, dois orifícios de sangria na carótida e punhalada no vão... Ressalto que os 16 cadáveres encontravam-se atados como uma corda de caranguejos...”*

Nesses trechos que acabamos de mostrar, percebe-se o comprometimento das palavras utilizadas por Padre Otaviano para versar sobre o acontecido na villa de Piancó.

Refletindo sobre os referidos trechos pode-se comprovar, que a precisão dos significados dessas frases, leva-se a admitir a redundância e a importância das mesmas dentro da nossa análise.

Vê-se, portanto, que o discurso admitido por Padre Otaviano tem, na sua formação, elementos outros, senão a questão política. Ou seja, ao analisar-se o discurso de Padre Otaviano basta verificar que fica evidente, por exemplo, sua postura de sacerdote.

É de se notar, ainda, que Padre Otaviano querendo ou não, excluir a oligarquia Leite de qualquer culpa pela morte do tão temido inimigo político, Padre Aristides, buscou deixar evidente no seu discurso qualquer parcela de culpa que dissesse respeito à família Leite. Isso pode ser comprovado quando ele afirmou que: *“O trucidamento do padre Aristides não tinha nenhuma conexão com sua vida pregressa”* como havia afirmado o líder da Coluna, Luís Carlos Prestes, quando se reportava a tecer comentários a respeito do episódio de Piancó. E, sim, afirmava o Padre Otaviano, *“os revoltosos, a chamada Coluna Prestes,*

*foram os únicos responsáveis pela chacina de Piancó*”, frisava ele. Com essa afirmação, Padre Otaviano eximia a família Leite de qualquer envolvimento que fosse na Chacina que vitimou o Padre Aristides.

Há de se considerar que em nosso processo de investigação às fontes, recorreremos a todas as estratégias possíveis, inclusive nos valem de uma entrevista com o senhor Manuel Rufino, nosso já conhecido contador de história, onde na ocasião, ao falar de Padre Otaviano, ele afirmou com toda precisão do envolvimento pessoal do Padre Otaviano com a família Leite. Foi, então, que nos veio o entendimento a respeito da afirmação de Celso Mariz com relação a Padre Otaviano, como tendo sido “discípulo, colega e amigo e depois adversário do perfilado Aristides”. Teria esse fato contribuído como uma das questões preponderantes na construção do discurso de Padre Otaviano? Segundo afirmou Celso Mariz no prefácio do livro “Os Mártires de Piancó”, não. Essa questão pessoal que envolvia Padre Otaviano e a família Leite, em momento nenhum deixou que isto refletisse no seu discurso a respeito da chacina, quando escreveu os *Mártires de Piancó*, concluindo, portanto, que fora unicamente os integrantes da Coluna os responsáveis diretos por tamanha “hecatombe”.

Fazendo parte deste mesmo universo discursivo, “responsabilizar a Coluna pela Chacina”, temos registrado também a versão de Juanita F. Cruz (filha do padre assassinado) que, embora reconhecendo na Coluna Prestes a grande culpada pela morte do seu pai, atribui também uma parcela desta culpa ao então presidente da Paraíba, João Suassuna, que, segundo ela, teria o mesmo juntamente com a família Leite arquitetado um plano para que o padre resistisse durante a

passagem da Coluna por aquela Villa, prevendo eles o desfecho que teve "a morte do padre".

Em entrevista ao jornal "Correio da Paraíba", cuja chamada se faz bastante sugestiva: DEPOIMENTO PODE MODIFICAR O CURSO DA HISTÓRIA: AS REVELAÇÕES DE JUANITA", esta deixa claro que seu pai, a princípio, não tinha a intenção de se confrontar com as tropas revoltosas:

*"As pessoas e os amigos perguntavam: padre e a coluna? Diziam que era uma revolta grande que acabava com tudo, e meu pai respondia: eu não tenho nada a ver com isso. Quem acaba revolta é o governo com um punhado de areia".<sup>31</sup>*

Com base no que seu pai havia dito, é que Juanita F. da Cruz sempre afirmou que o mesmo teria sido induzido por João Suassuna através de um telegrama para sufocar a Coluna quando esta passasse na villa de Piancó.

*"Minha mãe recebeu telegrama de João Suassuna para meu pai, dizendo que resistisse contra a Coluna, dizendo que não deixasse passar..."<sup>32</sup>*

---

<sup>31</sup> Trechos retirados da entrevista com Juanita F. da Cruz, ao Correio da Paraíba (Domingo, 24 de janeiro de 1993, p. 03).

<sup>32</sup> Idem. ibidem.

Dessa forma, Juanita F. da Cruz, hoje bastante idosa, se convence da culpa de João Suassuna, cada vez que se propõe a falar do assunto, pois, segundo ela, cresceu ouvindo sua mãe falar do envolvimento de João Suassuna, que teria até mesmo infiltrado inimigos do padre, na Coluna.

*“Minha mãe sempre lamentava”*

Diz Juanita F. da Cruz.

*“Não sei como é que o padre Aristides que nunca confiou em inimigos, confiou em João Suassuna, sendo este o maior inimigo dele”.*

Continua Juanita F. da Cruz cada vez mais ciente da culpa do presidente João Suassuna:

*“Minha mãe tinha muita raiva de saber que a morte do meu pai foi arquitetada por João Suassuna, a partir dos telegramas forjados, estimulando ele a combater a Coluna Prestes”.*<sup>33</sup>

Quando se propôs a analisar as várias construções discursivas sobre “O Caso de Piancó”, pensou-se automaticamente nas particularidades que iriam surgir dentro de cada construção discursiva, fosse para aproximar, fosse para diferenciar os discursos admitidos dentro do mesmo universo. Esse exemplo poderá ser mais evidente na versão do



ex-deputado Manuel Arruda (autor de *Marchas e Combates*) que, segundo ele, o padre Aristides não tinha sequer prestígio para transferir um soldado de polícia. E, que teria partido do próprio Padre Aristides a iniciativa de oferecer a João Suassuna resistência por parte dos piancoenses, quando a Coluna cruzasse a villa, tendo sido o próprio sargento Manuel Arruda quem o acompanhou até o telégrafo, onde o padre se encarregou de oferecer 400 homens ao capitão Irineu Rangel, comandante do 2º Batalhão de Patos, que, sem pensar duas vezes, aceitou a oferta em nome do governo.

Seria, então, esta a explicação dada ao “suposto” telegrama enviado por João Suassuna, o qual faz referência Juanita F. da Cruz. Consistindo, então, numa das diferenças registradas dentro da nossa análise discursiva. Ou seja, de que ao contrário do que afirma Juanita F. da Cruz, da suposta emboscada arquitetada pelo presidente João Suassuna, o que realmente aconteceu, segundo o Sargento Manuel Arruda, foi uma oferta de resistência contra a Coluna Prestes que partira realmente, do próprio padre Aristides.

Mesmo registrando por vezes essas diferenças, deve-se salientar que o sargento Manuel Arruda atribui à Coluna Prestes todo o desfecho causado graças a sua passagem pela Villa Velha de Santo Antônio de Piancó, como pode-se verificar nesta passagem:

*“Na cidade, o destroço foi geral. Saquearam, mataram animais para comer e inutilizaram tudo quanto não podiam levar. Colocaram cacos de vidro*

---

<sup>85</sup> Idem. *ibidem*.

*e creolina em sacos de açúcar e de outros víveres. Do pessoal que estava com o padre Aristides, só um escapou. Foi o João Monteiro, famoso porque corria demais. Pegava cameiro na caatinga, correndo a pé. Por uma rapadura ele pegava qualquer animal. 'Ele era um sarará de cabelo taiocado.' Pulou uma janela e tomou três balaços. Um no braço, outro na cabeça e mais um no joelho. Mesmo assim, correu e escapou. Depois morreu de um colapso. Foi uma bomba! Uma celeuma! As famílias se retirando a todo custo, vai para aqui, vai para acolá, corre gente, salta janela...'<sup>34</sup>*

Das afirmações que precedem, nota-se então que, mesmo conhecedor da história política de Piancó como também do envolvimento de Padre Aristides com seus inimigos políticos, o sargento Manuel Arruda insiste em seu discurso de que foi a Coluna Prestes responsável direta pelas mortes na Villa de Piancó, além de sua total autoria da "Coluna"; a ruína, o caos em que ficara a villa após a retirada de todos os piquetes da Coluna.

Analisou-se até então, três construções discursivas inerentes ao discurso que responsabilizava a Coluna pela Hecatombe da Villa de Piancó. Até aqui, tudo bem. Seria então o caso da nossa análise sobre esta formação discursiva de "responsabilizar a Coluna", ser concluída unicamente através do que já se analisou? No nosso entendimento, não.

Ora, onde estaria o discurso oficial, além, é claro, do discurso da Imprensa sobre a passagem da "Coluna em Piancó"? Dessa forma, foi

---

<sup>34</sup> - TERCEIRO NETO. Dorgival. *Gente de Ontem: História de Sempre*. O Tragicômico. João Pessoa: Itacoatiara. p. 80/85.

possível inserir dentro deste mesmo universo discursivo, que se propôs analisar nesse capítulo, essas duas versões sobre os acontecimentos verificados em 1926 em Piancó.

Com isso, passa-se a analisar tanto o discurso oficial (Estado) como também o discurso da Imprensa, que no nosso entendimento se desenvolveram de forma paralela.

Em se tratando do discurso Oficial (Estado) sobre a “chacina de Piancó”, verificou-se que este discurso, assim como os demais, procurou se fazer da forma que lhe conviesse.

É sabido pelo que já foi analisado que existe uma possibilidade do envolvimento de João Suassuna da morte do Padre Aristides. Como vimos no discurso de Juanita F. da Cruz, quando ela menciona um telegrama enviado por J. Suassuna a seu pai, telegrama este, que teria sua origem explicada por Manuel Arruda, como foi visto anteriormente. Mas em nossas investigações, encontrou-se um artigo de jornal que sugere um retorno a essa questão. Vejamos:

*“O presidente João Suassuna passou o dia ontem em intensa atividade, comunicando-se por telegramas, com os chefes das forças leaes em operação no interior, e tomando outras providências relacionadas com a ordem pública”.*<sup>35</sup>

---

<sup>35</sup> UNIÃO (Domingo, 7 de fevereiro de 1926, p. 01) Título do artigo: “Os Aplausos e Testemunhas de Solidariedade Recebidos pelo Governo”. (grifos meus)

Deve-se levar em consideração a data deste telegrama: “7 de fevereiro”, portanto, dois dias antes da passagem da Coluna na Villa de Piancó.

O que se conclui com isto, é que, teria realmente existido o telegrama enviado por J. Suassuna a Padre Aristides. E mais, que era do seu conhecimento que Piancó seria passagem obrigatória da Coluna, já que o Rio do Peixe estava guamecido por 300 homens, como nos mostra essa outra passagem:

*“O Rio do Peixe está militarmente ocupado; Pombal, Catolé, Patos tem elementos de resistência e defesa, capazes de esperar pelo socorro, Princeza, Misericórdia e Piancó, em preparativos para uma emergência mais remota, mas em todo caso possível”.<sup>36</sup>*

Consumada a “trajédia” que vitimara Padre Aristides e seus simpatizantes, a população paraibana só veio tomar conhecimento dos fatos alguns dias depois, quando o então presidente da Paraíba J. Suassuna escreveu à União:

*“Salvamos Patos, S. José da Lagoa Tapada, Misericórdia... mas impossível foi chegar com socorro a tempo à villa do Piancó, onde a mais tremenda hecatombe foi friamente praticada...  
... Depois de 8 horas de cerrado tiroteio conseguiram os atacantes dominar a villa...”*

---

<sup>36</sup>Pela Ordem contra a Rebelião. In: UNIÃO (Sexta-feira, 5 de fevereiro de 1926. p. 01 )

Vejam os compromissos da Imprensa com o discurso oficial na conclusão do artigo:

*“Estes horrores do nosso conhecimento desde ontem ontem, não quis o governo dá-los à publicidade, para não aumentar ao nosso Estado a aflição geral, de si tão grande pela presença de tão perigosos inimigos da ordem e da paz, que tanto precisamos”.*<sup>37</sup>

Como se vê, a Imprensa estabelece o seu discurso paralelo ao discurso oficial, exprimindo por vezes o apoio recebido pelo presidente J. Suassuna na defesa do território paraibano. Inclusive, se faz necessário dizer que inicialmente os méritos pela expulsão das tropas “prestistas” do território paraibano devem “exclusivamente” a força policial, como também ao “empenho” de J. Suassuna; reconhecido inclusive por Arthur Bernardes:

Rio – *“Sciende notícias me tem enviado sobre combate aos rebeldes, felicito V. esc. Pelo denodo com que a polícia de seu estado e civis paraybanos tem defendido a Parayba da invasão das hordas revoltosas muito embora tenhamos de lamentar, como eu lamento sinceramente a perda de vida preciosas como a de seus conterrâneos que heroicamente tombaram em Piancó. Accôrdo seu desejo tenho informado senador Epitácio Pessoa. Cordiais saudações – ARTHUR BERNARDES.*<sup>38</sup>

<sup>37</sup> *Pela Ordem Contra a Rebelião*. União (Terça-feira. 16 de fevereiro de 1926. p. 2)

<sup>38</sup> União (Quinta-feira. 18 de fevereiro. 1926. p. 01)

Há de se considerar que a Imprensa mostrou-se chocada com os acontecimentos na Villa de Piancó. Incubindo-se de registrar a situação em que havia ficado a Villa, como também o povo piancoense, diante de tamanha tragédia que os aflingiram:

*“Quantos horrores! Esta phrase de quantos ouvem narrar os tristes acontecimentos em Piancó. A idéia de assalto, da chacina, do martyrologio por que passou a população d’aquela malfadada villa, constitui, hoje, uma página até então inédita na história dos attentados à lei, aqui na Parayba. Só in loco pode apreciar a extensão e intensidade da innominável hecatombe.*

*Por isso, tanto quanto se esforce o informante consegue passar a quem ouça o conjuncto lugubre e real do quadro a que os agentes do crime reduziram o velho Piancó – antigamente campos adormecidos por onde perscrutaram a heroica tribo Curemas.”<sup>39</sup>*

Como se vê, quando começou a ser divulgada a “chacina” de Piancó, a Imprensa construiu seu discurso, de forma a acusar a Coluna pela “chacina” referindo aos integrantes da Coluna como “agentes do crime”, em momento nenhum encontrou-se registros onde fosse noticiado um “suposto” envolvimento do presidente João Suassuna ou mesmo da Oligarquia Leite na “chacina” ocorrida na villa.

O que se encontrou foram registros do reconhecimento por parte da Imprensa da “heróica” investida do presidente J. Suassuna contra as forças “prestistas”, como nos mostra essa afirmação:

---

<sup>39</sup> UNIÃO (sábado, 20 de março de 1926) – trecho adaptado do jornal “O Rebate”. de Cajazeiras.

*“A polícia porém, tendo a sua frente o próprio presidente do Estado, os bateu em tôda a linha”.*<sup>40</sup>

Como já foi visto anteriormente, percebe-se um comprometimento entre o discurso da Imprensa e o discurso oficial. Não obstante, é claro, o lado sensacionalista da Imprensa que deve-se reconhecer ao longo dessa construção discursiva. Vejamos porque, no trecho seguinte, onde fica evidente nesta narrativa do repórter do jornal “O Rebate” de Cajazeiras incubido de registrar os fatos de perto:

*“Eram 9 horas da manhã do Domingo, 14 do corrente, 5 dias após o ataque quando íamos a chegar a villa de Piancó. Tínhamos à alma oppressa ante as descrições mais funestas que íamos colhendo de quantos encontramos pela estrada. Bandos de corvos descansavam modorrentamente aos galhos de frondosas árvores que marginam o rio, enquanto outros vojavam zigzagueando e baixando aqui, ali, acolá. Esse espetáculo interessou-nos. Interrogando a respeito delle nos informou alguém.*

- *Aqueles urubus, de certo, festejam cadáveres insepultos, já em estado de putrefação”.*

Conclui o jornalista do “Rebate”<sup>41</sup> a sua narrativa:

---

<sup>40</sup> LIMA. Padre Francisco D. Aduato. *Subsídios Bibliográficos*. João Pessoa: Escola Profissional “Padre José de Anchieta”. Secção tipográfica A Imprensa. 1959. p. 31.

<sup>41</sup> O jornal O REBATE não trazia o nome do repórter que viajou para Piancó com o propósito de recolher dados sobre a “chacina”.

*“O povo piancoense, para não dizer o homem do sertão parahybano, tem diffuso pelo seu todo, energias e resistências dinâmicas que são a demonstração positiva d’essa relação ata Villa entre elle por excellência da nossa ethnographia. Só assim se pode explicar a bravura louca com que aquele punhado de heroes enfrentou, resistiu e pretendeu vencer o prurido revolucionário”.*

Temos assim, a versão construída sobre a Passagem da Coluna em Piancó por parte da Imprensa, que preferiu admitir que a morte do Padre Aristides e de seus companheiros deveu-se em grande medida a sua condição de “homem sertanejo”: valente, resistente por excelência.



## CONCLUSÃO

Embora seja este o termo utilizado no meio acadêmico, em se tratando de uma execução de um trabalho, neste caso, prefere-se que esta palavra “conclusão” esteja assim, entre aspas. Pois entende-se que esta monografia, seja apenas o início de um projeto maior que se pretende alcançar.

Conclui-se apenas um trabalho que resultou de três anos e meio de pesquisa; de amor pelo tema, que como foi dito na apresentação, o interesse não nasceu no momento em que se ingressou no curso de História, apenas o curso foi o mecanismo utilizado para que se concretizasse um projeto de infância. Daí, se explicar o interesse em conhecer como as versões sobre a Passagem da Coluna por Piancó foram sendo construídas.

Eis que, ao “concluir” este trabalho ficou a certeza de que todos os discursos construídos sobre a passagem da Coluna por Piancó tinha um propósito claro. Fosse de “defender”, fosse “acusar” a Coluna. Cada um desses discursos analisados trazia elementos novos, aproximando-os ou diferenciando-os, embora fizessem parte da mesma formação discursiva.

Então, quais as diferenças, quais as aproximações encontradas durante o processo desta análise? É o que tenta-se mostrar a partir de então.

A começar pelo discurso que justifica a ação da Coluna, verificou-se que as diferenças que permeiam este discurso se mostram de forma bastante sutil, ou seja, na versão que Anita Leocádia dá sobre a "chacina", apenas algumas sutilezas são encontradas tanto no discurso de Luís Carlos Prestes quanto na versão dos dois ex-integrantes da Coluna, já que esta formação discursiva em muitos aspectos se aproximam.

No entanto, algumas diferenças conseguiu-se detectar, entre elas o fato do autor de "Marchas e Combates", Lourenço M. de Lima, afirmar que o piquete de Cordeiro de Farias ter sido recebido à bala na entrada da villa pela polícia paraibana. Sendo esta versão contrariada pelo (capitão revoltoso) João Alberto, no livro "Memórias de um Revolucionário". Onde ele afirma, que havia pemoitado na villa com duzentos soldados na fazenda Pereira, e que uma vez seu piquete tendo se aproximado das imediações da villa, o piquete que tinha à frente Cordeiro de Farias (o mesmo que causara toda a "chacina" em Piancó) já havia deixado o território paraibano, estando os mesmos cortando os Sertões de Pemambuco.

Portanto, quem sofreu resistência por parte da polícia paraibana foi o piquete do capitão João Alberto que foi repellido pela polícia dentro da fazenda em que pemoitavam, o que desfaz a versão do tenente Lourenço M. Lima de que o sargento Laudelino P. da Silva teria sido vítima da polícia paraibana.

Com relação ao discurso construído para “responsabilizar a Coluna pela chacina” , tanto as “diferenças” quanto as aproximações entre os discursos se fazem de forma notória.

Uma das diferenças que podemos apontar, consiste numa crítica feita por Juanita F. da Cruz ao Padre Otaviano. Que, na sua obra “Os Mártires de Piancó” faz uma afirmação um tanto infeliz, que segundo ela, consiste num verdadeiro absurdo. De que, no momento em que a Coluna avançava em direção a Piancó, o Padre Aristides tenha se aliado aos seus adversários políticos (Família Leite), na defesa da villa. Isso, segundo ela, é invencionice do Padre Otaviano que, era mais um inimigo político do seu pai, e, *“ele teria vindo como encomenda para lhe fazer oposição”*. Portanto, mais um “capacho” dos Leite, segundo Juanita F. da Cruz. Em síntese, jamais houve “aliança” entre o Padre Aristides e os Leite, mesmo que fosse para defender a villa.

Outra questão que podemos apontar é que, segundo Juanita F. Cruz, Padre Otaviano ao dirigir todas as acusações e culpas pela “chacina” unicamente à Coluna, teria sido ele mais do que nunca estrategista, “macaco velho”, como diz a expressão popular, pois estaria excluindo a família Leite de qualquer culpa ou qualquer envolvimento na morte do Padre Aristides, já que sua indicação para substituir o Padre Aristides em Piancó, teria sido resultado da influência dos Leite junto a D. Adauto, o que explicaria sua cumplicidade com a Oligarquia Leite.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança*. Bahia: Círculo do Livro, 1979.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. *Falas de Astúcias e de Angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema à solução (1877 – 1922)*. Dissertação apresentada ao Mestrado em História da Unicamp, 1987.
- BARROS, João Alberto Lins de. *Memórias de um Revolucionário: a Marcha da Coluna*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1954.
- CARONE, Edgard. *Revolução no Brasil Contemporâneo (1922-1933)*. Corpo e Alma do Brasil. 3. Ed., Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- DRUMMOND, José Augusto. *A Coluna Prestes: Rebeldes Errantes*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FELIZARDO, José Joaquim. *História Nova da República Velha. Do Manifesto de 1846 à Revolução de 1930*. Petrópolis: Vozes Ltda. 1980.
- FERREIRA, Lúcia de Fátima. *A Coluna Prestes e a Paraíba*. João Pessoa: Universitária, 1980.

FORJAZ, Maria Cecília Ipina. *Tenentismo e Política. Tenentismo e Camadas Médias Urbanas na Crise da Primeira República*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

---

\_\_\_\_\_ *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996

---

\_\_\_\_\_ et al. *O Homem e o Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes: Marchas e Combates*. 3. Ed., São Paulo: Alfa-ômega, 1979.

LIMA, Francisco. (D. Aduato; subsídios Biográficos 1925-1935). João Pessoa: A Imprensa, 1959, v. III.

MACAULY, Niellé. *A Coluna Prestes* (trad. Flora Machman) São Paulo: Difel, 1977.

MOREL, Edgar. *A Marcha da Liberdade*. Petrópolis: Vozes, 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Unicamp / Pontes, 1989.

OTAVIANO, Manuel. *Os Mártires de Piancó*. João Pessoa: Teone, 1955.

ORLANDI, Eni Pulcinelle. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. 2. Ed., Campinas: Pontes, 1987.

---

\_\_\_\_\_. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez / Unicamp, 1988.

PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

REIS, Eurico. *Recife / Havana / Prestes. A Última Palavra de Ordem do Capitão*. Recife: Ed. Raiz, 1991.

SILVA, Hélio. *1926: A Grande Marcha*, 2. Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SWAIN, Tânia Navarro. *História no Plural*. Brasília Unb, 1994.

TERCEIRO NETO, Dorgival. *Gente de Ontem, História de Sempre*. João Pessoa: Itacoatiara, s/d.

#### JORNAIS (avulsos)

- A União – João Pessoa, 28 de janeiro de 1946
- Correio da Paraíba – João Pessoa, 24 de janeiro de 1993
- A União – João Pessoa, 28 de novembro de 1993

- Correio da Paraíba – (avulsos dos anos de 1953 a 1955)
- O Cruzeiro (1953 a 1955)
- A União (1926)
- A Imprensa (1926)
- Arquivo Eclesiástico da Paraíba.

## ARQUIVOS

- Arquivo Eclesiástico da Paraíba (Jornal “A Imprensa”/ Cartas)
- Arquivo Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba
- Arquivo pessoal de “Manoel Arruda”/ Cartas Pedro Cunha/ Dados Biográficos de D. Aduato.
- Arquivo do Comando da Polícia Militar (Jornal A União – fev. 1926 a dez. 1926)

## ENTREVISTAS

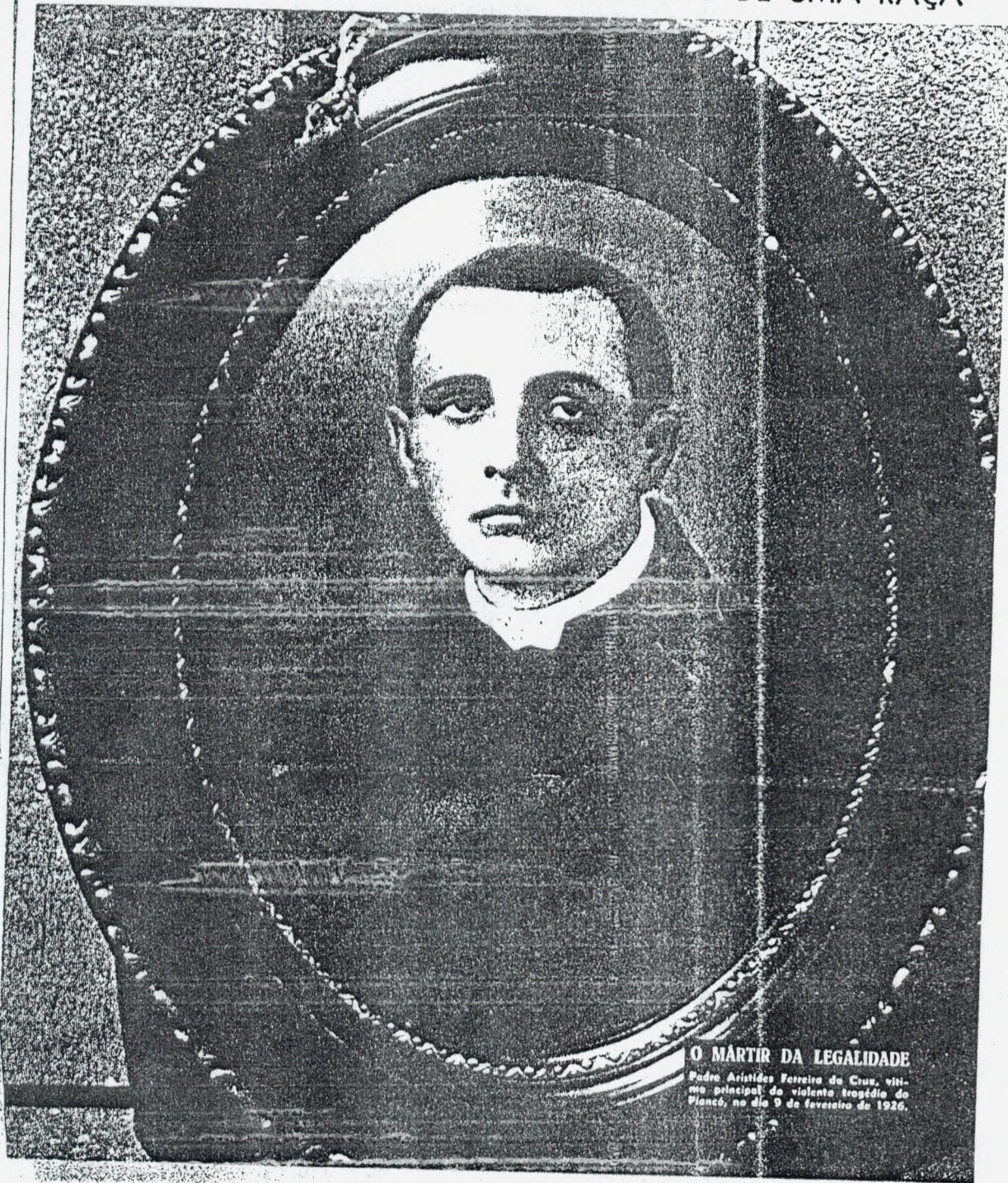
- Juanita Ferreira da Cruz – 06/fev/ 1993
- Senhor Manuel Rufino – idem

Anexos





30 ANOS DEPOIS O SEU NOME É ORGÜLHO DE UMA RAÇA



**O MÁRTIR DA LEGALIDADE**

Padre Aristides Ferreira da Cruz, vítima principal do violento atentado de Pianos, no dia 9 de fevereiro de 1926.

## DEPOIMENTO VERDADEIRO

Ps. Manuel Otaviano, membro da Academia Paraibana de Letras, vigoroso historiador e romancista, responsável pelo depoimento que revela a verdade histórica sobre a tragédia de Piancó.



UNIÃO

# stes em Piancó

GENERAL LUIZ CARLOS PRESTES



5 DE JULHO DE 1929

O BRASIL

"ESPERA QUE CADA UM CUMpra  
COM O SEU